



**POEMAS SUSPENSOS:
AS INSTITUIÇÕES JURÍDICAS NA POESIA ÁRABE PRÉ-ISLÂMICA**

222

Fernanda Oliveira de Araújo

(UNIVERSIDADE PREBISTERIANA MACKENZIE)¹

Muna Omran (UFF/GPLEIFEN)²

Resumo

O presente artigo tem por escopo analisar, social e juridicamente, a região da península Arábica no período anterior ao advento Islã, perquirindo acerca da existência de costumes e normas de conduta vigentes na época em questão. A principal fonte utilizada para a análise das normas foram trechos de poemas escritos na época estudada, *Os poemas suspensos*, que ainda hoje têm grande importância para o conhecimento dos povos árabes no decorrer dos séculos.

Palavras-chave

Árabes–Poesias–Leis – Islã – Oriente Médio

Abstract

This article has the purpose to analyze, socially and legally, the region of the Arabian Peninsula in the period before the Islam, inquiring about the existence of customs and rules of conduct in force at the time in question. The main source used for the analysis of the standards were excerpts from poems written at the time studied, it still contain great importance for the understanding of the Arab peoples over the centuries.

Key words

Arabs–Poems-Laws- Islam – Middle East

¹ Trabalho apresentado no TCC do curso de Direito da Universidade Mackenzie, Apoio PIBC Mackenzie. Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1141971277381105>

² Doutora pela Universidade Estadual de Campinas. Profª. de Literatura CAP/PUC e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Leitura, Fruição e Ensino, da UFF. Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1549706346007529>



Introdução

Atualmente é quase impossível falar em Oriente Médio sem ao menos se pensar em religião ou costumes há muito arraigados na consciência popular. De certa forma, grande parte do que se encontra hoje no meio oriental está intrinsecamente relacionado, ou embasado em tradições religiosas.

Mas nem sempre foi assim. Os árabes não surgiram *com* o Islã³, mas antes deste. A história da civilização árabe é rica e vasta, com peculiaridades e características próprias, incomparáveis a qualquer civilização já conhecida.

Embora o fenômeno religioso⁴ trazido por Muhammad⁵ tenha sido o fator primordial do estabelecimento árabe como império, o período anterior ao islã também possuiu particularidades dignas de estudo. O escopo do artigo consiste, inicialmente, em apresentar a qual era a situação da Península Arábica no período conhecido entre árabes e historiadores por *Jahiliyya*⁶, inclusive perquirindo acerca dos habitantes da mencionada região geográfica, seu *modus vivendi* e nível de organização social.

Importante notar que as normas de conduta pertinentes ao período da *Jahiliyya* serão analisadas conforme os parâmetros da ciência jurídica atual, e terão por fonte de pesquisa um conjunto de poemas reputados à época, denominados *All – Muallaqat*, termo que traduzido a partir do árabe significa “Poemas Suspensos”, traduzidos no Brasil por Alberto Mussa⁷.

1. Surgimento árabe: contexto, tempo e espaço

Por volta do séc. V d.C. nota-se a existência de grandes impérios, haja vista o Bizantino e o Sassânida, que “*incluíam as principais regiões de cultura e civilização da metade Ocidental do mundo*” (HOURANI, 2007, p. 26).

³ Fenômeno religioso surgido na península arábica no início do século VII da era Cristã.

⁴ Referência ao Islã como movimento religioso e suas doutrinas.

⁵ Também chamado de “Maomé”, atualmente, tem-se trabalhado com o nome Muhammad ou Mohamed, para este trabalho, optamos em adotar a grafia Muhammad. Considerado Mensageiro de Deus, para o Islã; recebeu por meio do anjo Gabriel a revelação religiosa divina que deveria ser propagada aos homens.

⁶ Termo árabe que significa “ignorância. Trata-se do recorte temporal alvo do presente estudo, compreendido entre os séc. IV e VI d.C.

⁷ MUSSA: Alberto. Poemas Suspensos. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Muitos são os legados herdados dos impérios supracitados, no império Bizantino sob o governo de Justiniano⁸, que surgiu o *corpus juris civiles*, constituído de leis, decretos e normas que serviram de base para a legislação atual de países como França, Portugal e Brasil (Cotrim, 2005). O Império Sassânida, por sua vez, apesar de pouco estudado no mundo ocidental, também deixou suas marcas. Localizado na região que hoje corresponde ao Irã (antiga Pérsia), abrangeu o Iraque e partes da Ásia Central. Sob a forma de um Estado familiar, era unido por dinastias fortes e governado por meio de funcionários com funções hierarquicamente estabelecidas.



Mapa 1 – O Império Persa em sua máxima expansão. Fonte: CIVITA, Victor, 1977.

Localizados em torno da Península Arábica, os dois impérios viviam em constantes conflitos, já que lutavam pelo monopólio das rotas comerciais marítimas e terrestres. Entre eles estava a cidade de Meca, berço da civilização islâmica, além de sua importância na região, pois era um importante entreposto comercial, a cidade já era sagrada para os árabes politeístas, pois nela aconteciam peregrinações em adoração aos deuses pagãos, em especial as três deusas pagãs, Allat, Al Uza, Manata e ao deus-pai, Hubal.

Em um universo marcado por grandes potências estava a Península Arábica, localizada entre os dois, já citados, grandes impérios da época, era cercada por mar em três de seus

⁸ Foi um dos imperadores bizantinos de maior relevância no que concerne ao estudo do império romano do Oriente. Na área jurídica sua importância se deve a um conjunto de leis compilados em seu governo, entre eles o chamado “código de Justiniano” que influenciou a legislação atual e ainda pode ser fruto de pesquisas.



lados, e ligada ao continente pelo deserto. Encontrava-se entre o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico, compreendendo ao sul a Mesopotâmia, a Síria e a Palestina.

Na atualidade alguns nomes de países mudaram, mas a partir do mapa apresentado abaixo é possível vislumbrar a localização da Península Arábica hodiernamente:

225



Mapa 2 – Mapa atual da península arábica

Fonte: Revista História das Religiões Páginas 68-77. Ano I/ Nº 1. 2011 Edt. Minuano.SP.

Assim, “[...] *os árabes não estavam verdadeiramente à parte, mas sobre as trilhas das grandes civilizações*” (CAHEN, 1970, pág. 6).⁹

Apesar do historiador francês L. A. Sedillot (Kuraim, 1960, p.25) defender a tese de que a etnia árabe apresenta as mesmas características há quatro mil anos, os documentos escritos mais verossímeis sobre a vida pré-islâmica dos árabes foram compilados após o advento de Muhammad. Por meio desses escritos é possível conhecer alguns costumes do período da *Jahiliyya*.

A época da *Jahiliyya* é designada dessa forma devido ao desconhecimento da mensagem islâmica. Segundo uma corrente de historiadores muçulmanos os costumes pré-islâmicos são considerados pagãos, desobedientes e indisciplinados em relação às leis de *Allah*¹⁰.

O próprio Alcorão trata o período da *Jahiliyya* como uma época que deve ser lembrada com o intuito de não se cometer os mesmos erros, lembrando aos fiéis que devem

⁹ Tradução nossa direto do espanhol.

¹⁰ Palavra do idioma árabe que significa “Deus”, constituindo esta a única divindade reconhecida pelo Islã.



ter novo comportamento, pois agora vivem sob as leis de *Allah*, consoante nos mostra o verso 50 da 5ª surata¹¹: “*Anseiam, acaso, o juízo do tempo da ignorância? Quem é melhor juiz do que Allah, para os persuadidos?*”¹² (grifo nosso)

A Península Arábica concernente à época da *Jahiliyya* comportava várias tribos que podiam ser nômades ou sedentárias, e dividiam o território entre si. A região central era habitada pelos beduínos, povos nômades que vagavam pelo deserto à procura de um oásis¹³; quando este era encontrado, usavam-no para estabelecer uma formação tribal, com uma autoridade familiar que era respeitada por todos. Tinham regras de convivência social pautadas em “*um humanismo tribal, apoiado em um ideal de honra, [e] na ‘virilidade’ [...]*”. (WATT, 1957 apud MANTRAN, 1977, p.52,).

O sul da Península tinha uma riqueza produtiva, e por isso a região era denominada Arábia Feliz ou Crescente Fértil. Os árabes dessa região eram desenvolvidos cultural e intelectualmente; diz-se ainda que não eram somente sedentários, mas também “urbanos”. Esta riqueza era resultado do poder dos impérios de Bizâncio e Sassânida, pois

“(…) por muitos anos os pastores árabes e nômades do norte e do centro da península vinham-se mudando para o campo da área hoje chamada Crescente Fértil: (...). Eles trouxeram consigo o seu *ethos* e suas formas de organização social.”(HOURANI,1995, p.25)

A Arábia Feliz compreendia principalmente as regiões do Iêmen e de Omã, e desempenhou um papel importantíssimo na história por ter sido o local onde o Islã desenvolveu-se e cresceu como religião e forma de vida, derrubando posteriormente as potências já mencionadas. Faziam também parte desse território cidades como Meca e Medina, principais rotas comerciais marítimas e terrestres – sendo Meca também um posto de abastecimento de água para as caravanas.

¹¹Ou *sura*, espécie de divisão do Alcorão. Cada sura/surata corresponde a um capítulo que possui um nome específico, tal qual se observa entre os livros da Bíblia (“gênesis”, “êxodo”, etc.)

¹² Trecho retirado de *Os significados dos versículos do Alcorão Sagrado*. Tradução: Samir El Hayek. Dentro da cultura do Islã diz-se que o verdadeiro Alcorão, o sagrado, é o escrito em árabe por ter sido essa a língua usada para fazer a revelação ao profeta Muhammad. Neste sentido as traduções para outros idiomas do que está escrito no Alcorão constituem apenas os significados das palavras, e não propriamente as palavras sagradas representativas da religião.

¹³ Os beduínos tinham por característica não se estabelecer em um único local com ânimo definitivo.



O mapa¹⁴ a seguir mostra a organização tribal do mundo *Jahili*, no período anterior ao Islã:



A partir do conhecimento de fatos transmitidos no decorrer dos séculos, pode-se afirmar o alto grau de desenvolvimento e cultura da época *Jahili*. É indispensável ressaltar que os árabes pré-islâmicos também possuíram uma história, não se formaram de repente, sendo ao contrário a resultante de um longo passado e das múltiplas influências do meio a que sempre esteve submetido. Deve por isso ser buscada no passado de uma raça a explicação da sua situação atual. (LE BON, [s.d.], p.9). É nesse sentido a afirmação de que “*por volta do terceiro milênio a.C. que os árabes são pela primeira vez mencionados nos textos escritos dos povos vizinhos[...]*”. (VERNET, 2004, p. 17)

Os povos árabes conseguiram sobreviver e se manter tantos séculos no deserto devido ao desenvolvimento de estratégias, como obras de irrigação e domesticação de animais. O camelo e o dromedário são os principais exemplos do uso de animal, por parte dos árabes, em proveito humano, além de ser uma imagem extremamente vinculada aos árabes ainda hoje.

Esses animais, frequentemente conhecidos como “navio do deserto”, sempre ofereceram grande utilidade, sobretudo para os beduínos. Os árabes do deserto usavam os camelos como principal meio de transporte. Quanto aos dromedários, os árabes se alimentavam de seu leite e carne e utilizavam sua pele para a fabricação de roupas.

O cavalo também foi domesticado. Enquanto o camelo era um meio de transporte, o cavalo era um meio de ataque muito eficiente nas ocasiões dos “*gazús*” ou “*gázuas*”,

¹⁴ Mapa 4 – The Middle East in the 6th century. Fonte: <<http://www.themontrealreview.com/2009/The-Middle-East-in-the-6th-Century.php>> . Acesso em: 05 de agosto de 2012, às 13h15min.



expressão que significa “incursão armada”, consistia num antigo costume de atacar tribos vizinhas ou distantes, com o objetivo de se apropriar de gado, cavalos e camelos.

As principais informações sobre o período e os costumes acima descritos, são obtidas por meio da arqueologia¹⁵, dos textos de povos vizinhos ou dos próprios árabes. 228

Destarte é possível perceber em linhas gerais que o ambiente em que o islã nasceu e se desenvolveu não era novo, tampouco inexplorado. Os árabes pré-islâmicos já possuíam sua própria história, hábitos e um lugar no mundo.

2. Origem linguística

Vestígios históricos demonstram que certa variedade de povos habitou em época remota, o mesmo território árabe. A partir desse conhecimento não é difícil concluir que seus idiomas também eram semelhantes posto que “*o estudo das línguas chamadas semíticas demonstra, com efeito, que o hebreu, o árabe, o fenício, o siríaco, o assírio e o caldeu têm estreito parentesco e, portanto, uma origem comum.*” (LE BON, s.d., p. 83)

Por línguas semíticas entendem-se as que possuem todas as características necessárias para se tornar uma língua mãe. Tal é o idioma árabe que, evoluído a partir do aramaico¹⁶, começa a se desenvolver por volta do séc. III d.C (PEREIRA, 2007).

O fato de os árabes pré-islâmicos viverem em tribos influenciou muito o *modus vivendi* da época em questão. Dentro da cultura das relações tribais também se desenvolveram variações linguísticas, sendo certo que existiam e existem ainda hoje muitos dialetos derivados do idioma árabe clássico. Os falantes do idioma árabe também se desenvolveram com a língua que vinha surgindo. Os hábitos da localidade onde o idioma era usado foram se constituindo também a partir do efeito que as expressões linguísticas causavam nos ouvintes por meio de seus transmissores, adquirindo estes grande importância no meio onde viviam.

Embora as relações tribais na época da *Jahilyya* tenham sido marcadas pelas mais diversas desavenças, tais como disputas por oásis ou ataques e retaliações recorrentes, a

¹⁵ Como um exemplo de obra arqueológica há o livro *As Caravanas da Lua: pela rota do incenso em busca da Rainha de Sabah*. Fernanda de Camargo Moro. Rio de Janeiro: Record, 2007.

¹⁶ Língua utilizada em impérios historicamente importantes, tais como o persa, babilônico e assírio.



linguagem oral, (principalmente a poética) frequentemente foi utilizada como fator de integração entre as tribos.

Embora não existam registros de documentos escritos pertinentes à época da *Jahilyya*, um conjunto de poemas codificados após a vinda do profeta é reputado à época “da ignorância”. Esses poemas têm grande representatividade dentro do patrimônio cultural árabe por se acreditar serem eles documentos importantes para a pesquisa da vida pré-islâmica.

Os poetas do período pré-islâmico eram detentores de grandes privilégios por conta de seus dons com as palavras e a poesia. Algumas vezes eram isentos de pagamento de dote ao se casarem; recebiam presentes e uma tenda exclusiva para eles quando chegavam a alguma tribo que não a sua de origem, e era comum a celebração de festas quando surgia um novo poeta no seio de uma tribo.

“É produto de um longa tradição eram elaboradas. A forma poética mais valorizada era a ode, ou *qasida*, um poema de até cem versos escrito numa das várias métricas aceitas e com uma única rima ao longo de todo ele.”
.”(HOURANI,1995, p.30)

O prestígio dos poetas se deve ao entretenimento que proporcionavam às pessoas, aos chefes das tribos ou mesmo aos reis. Em suas composições costumavam narrar fatos do cotidiano, ocasiões de guerra, conquista de territórios ou até mesmo temas românticos.

Entre os beduínos, a crença popular era a de que os poetas eram pessoas especiais, com um talento excepcional ou até sobrenatural, frequentemente associado aos *jinnns* (espíritos). Nesse sentido o poeta era respeitado, mas também temido por suas invectivas diante dos combates, pois acreditava-se fossem capazes de interferir na sorte daqueles que atacavam em seus poemas. Por outro lado, em circunstância positiva de convívio, era um privilégio para quantos dele privassem. (PEREIRA, 2007, pág. 75.)

Acreditava-se que as palavras poéticas tinham poder de influência positiva ou negativa sobre a vida das pessoas que eram mencionadas nos versos.

Estes versos reunidos têm, atualmente, grande importância para o estudo do universo *Jahili*, posto que a principal fonte de conhecimento da época pré-islâmica são as poesias reputadas a tal período. Segundo historiadores “*as composições líricas tiveram no mundo*



árabe a mesma ressonância que os versos de Homero na civilização grega.” (WIET apud Pereira, 2007, 91).

As poesias eram construídas sobre um modelo complexo e peculiar de rimas e métricas, o que torna surpreendente o seu alto grau de desenvolvimento. Os poemas apresentavam grande sofisticação e uma técnica linguística elaborada, que combinava o uso de métrica, rima, sonoridade e harmonia vocálica (PEREIRA, 2007).

Embora existam algumas dúvidas em relação à autenticidade dos poemas pré-islâmicos, esses compõem hoje a maior fonte de conhecimento da época em questão; e estudiosos concordam que *“importa, pois, analisar a literatura pré-islâmica da maneira como ela se nos apresenta, independentemente da controvérsia gerada quanto à sua autenticidade,”* (PEREIRA, 2007, p. 90), os dados que essa poesia pré-islâmica nos transmite contribuem para dar a conhecer o âmbito em que se moveu a vida árabe nos tempos *“imediatamente anteriores ao início da pregação maometana [...]”* (VERNET, 2004, p. 50).

É importante notar ainda que os poemas pré-islâmicos têm *“por seu caráter documental, um papel extremamente importante na recuperação do contexto histórico social e cultural originário do universo árabe.”* (PEREIRA, 2007, p.90). Era comum a organização de feiras anuais e encontros literários na Arábia pré- islâmica sendo

[...] interessante notar que, por ocasião das feiras, impunha-se uma trégua de armas em relação às guerras tribais. Desse modo, pode-se dizer que essas manifestações pré-islâmicas foram fatores de real integração, ao menos cultural e linguística, entre tribos que se achavam em constantes conflitos. (PEREIRA, op.cit p. 76).

Nesses encontros os mais eminentes poetas detinham o direito de apresentar suas poesias, segundo critérios de avaliação dos chefes das tribos locais mais importantes. Destarte, as feiras *“acabavam por constituir-se em verdadeiros concursos, nos quais os poemas eram julgados e divulgados pelos comerciantes que os transportavam junto com suas mercadorias.”* (IDEM).



Após a avaliação dos chefes tribais, os melhores poemas ganhavam a oportunidade de serem expostos ao público. Pendurados na Caaba¹⁷, eram escritos com tinta cor de ouro. A partir desse costume, os poemas mais proeminentes, detentores do privilégio da exposição, ganharam os nomes de *Mu'allaqat* (pendurados, suspensos) ou *Mudahhabat*, (dourados). 231

Com o passar do tempo e da prática das feiras, os poemas suspensos foram reunidos num grupo. Hoje se acredita que o grupo dos poemas suspensos encerra sete poesias principais¹⁸..

3. Organização social *jahili* e formas de resolução de conflitos

Entre os árabes pré-islâmicos (principalmente entre os beduínos) existia, senão um conceito de direito tal como contemplado hodiernamente, pelo menos um princípio de hierarquia.

Os árabes da época da *Jahiliyya* vivam em tribos governadas por chefes ou xeques, figuras de grande influência naquele meio social, posto que “o desenvolvimento da transumância trouxe consigo certas transformações sociais, como a de o *sayyid* (senhor) da tribo se tornar xeque (*saykh*), cujo cargo passou a ser considerado vinculado ao clã mais importante [...]” (VERNET, 2004, p. 22).

Reiterando, vale notar que

As tribos tinham de mil a 2 mil indivíduos e eram dirigidas por um *sayyid*, senhor, título recebido também pelos chefes dos clãs. Posteriormente se utilizou mais o nome *xayh*, xeque, ancião, cujo poder parece ter sido limitado apenas pela obrigação de consultar uma assembleia de notáveis ou chefes de clã [...] (VERNET, op.cit, p. 42).

Quanto ao princípio norteador da justiça *jahili* é possível observar que “a hospitalidade resumia para ele todo o código da humanidade, e à falta de escritura, a eloquência servia para terminar as dissidências que se não resolviam pelas armas” (LE BON, s.d., pág.61).

¹⁷ ou Kaaba: construção retangular negra que encobre um meteorito. Situada em Meca, é o principal centro de peregrinação ainda hoje no mundo muçulmano.

¹⁸ Em sua composição os poemas suspensos¹⁸ (ou *all- muallaqat* como em árabe), compreendem um conjunto entre sete e dez poesias, que tratavam acerca do *modus vivendi* da sociedade da época, quiçá demonstrando princípios norteadores do conceito de justiça pertencente àquela sociedade.



No período pré-islâmico não existia um sistema codificado de leis tal qual se observa na atualidade, principalmente nos países ocidentais, mas “*a conduta correta de um árabe de pura cepa, segundo os textos antigos, era determinada pela honra e pela hombridade[...]*” (VERNET, op.cit). Em contra posição os pré-islâmicos também cometiam atitudes censuráveis do ponto de vista jurídico, pois para sobreviver num ambiente tão adverso como o deserto, os árabes desenvolveram uma organização social e costumes muito especiais. Praticavam a rapina, o roubo, mas contraditoriamente combinavam isso com extremo respeito à hospitalidade e com um código de honra admirável.

Este código de honra era exercitado dentro de cada tribo, entre os seus integrantes. Essa lealdade tribal se deve ao sentimento de unidade que proporcionava a convivência no seio de um mesmo clã, além do que unidos os indivíduos se tornavam mais fortes para combaterem inimigos comuns, posto que “*a coragem e o destemor dos homens assumiam tanta importância quanto a união da tribo, pois disso dependia a segurança geral*”. (Grandes Personagens, s.d., p. 187).

Ainda neste sentido vale notar que “dentro dos clãs o crime mais nefando era ‘derramar seu próprio sangue’, isto é, atacar um parente. O mais importante critério para decidir o justo e o injusto era o grau de parentesco, o ‘laço de sangue’: as relações de parentesco ditavam a moral. (Grandes Personagens, s.d., p. 187)”.

A história demonstra também que, entre os árabes “a analogia de situação e sentimento inspirava-lhes a todos o mesmo pundonor; o sabre¹⁹, a hospitalidade e a eloquência eram sua glória: o sabre, a única garantia dos seus direitos [...]” (LE BON, sd., p. 61).

Percebe-se então que entre os árabes existia algum princípio de ordem ou conceito de justiça, ainda que embrionário. Havia, no mínimo, meios para apaziguar conflitos.

4. A Poesia como fonte legislativa

Os poemas a seguir são reputados à época pré-islâmica e tratam de trechos dos poemas suspensos²⁰, que podem de alguma maneira contribuir para o conhecimento da forma de organização social da época em estudo.

¹⁹ Espécie de arma branca ou espada curta que corta apenas de um lado.



4.1 Exaltação aos líderes tribais

De acordo com o já explicitado anteriormente, os chefes tribais detinham grande importância no seio da tribo a que pertenciam, guiavam o povo e resolviam alguns conflitos. Em suma, dentro da hierarquia estabelecida entre cada tribo, o cargo de chefe ou xeque era o posto mais alto, e deveria ser respeitado e obedecido pelos demais.

Assim, no poema abaixo é possível perceber que os *shaykhs* tribais eram frequentemente homenageados pelos poetas pré-islâmicos, que tinham por objetivo angariar sua simpatia, agradecer pela direção com que conduziam a tribo, ou ainda pela participação em conflitos entre tribos alheias, apaziguando-as:

[...]

Juro pela Morada sagrada em torno da qual
Vão em procissão homens de Quray's e Jurhum²¹

que vossas qualidades de chefes despontaram com brilho,
frustrando a intriga de trama simples ou torcida.

Vós reconciliastes as tribos de Abs e Dubyam,
ungidos do bálsamo de Munjim para a guerra implacável.

Vós dissestes: se nós pudéssemos obter uma paz
durável à custa de benevolência, (seria) para nós, a felicidade.

Assim vós alcançastes a melhor vitória
neste combate, evitando os delitos e crimes,

celebrando-vos assim entre os heróis de Maad

²⁰ Todos os poemas utilizados foram retirados do livro *Poemas Suspensos*, Alberto Mussa. Indicação completa da obra na bibliografia.

²¹ Provavelmente nomes de tribos.



e outros, pois um tesouro de glória é uma conquista.²²

4.2. Crimes, delitos e indenizações

234

No trecho citado no item antecedente se faz uma alusão às ideias de *crime e delito*. Vale notar que estes conceitos em geral estão relacionados ao coletivo, às infrações cometidas contra determinado grupo ou tribo, ou ainda entre os mesmos.

As ofensas praticadas nesta época eram sentidas por todo o grupo do indivíduo ofendido, podendo também ocorrer retaliações a toda a tribo do ofensor. É o chamado *princípio da responsabilidade coletiva ou solidariedade*.²³

O excerto abaixo demonstra a proporcionalidade com que os crimes eram tratados de acordo com a posição que a vítima ocupava dentro da tribo:

Se matardes um chefe sem motivo, havemos de matar um
Equivalente dentre vós, cumprindo a vingança!
[...]

No próximo trecho é possível visualizar o preço a ser pago diante do cometimento de um delito:

Mas vejo cada um deles pagando a indenização de sangue,
Com as melhores de suas cáfilas, que vão subindo pela
Montanha.
[...]
Neste sentido

O limite da consciência de unidade era determinado pelo dos indivíduos (*a'ila*, núcleo familiar), que, no caso de haver um homicídio, [por exemplo], viam-se obrigados pela pressão

²² ZUHAYR IBN ABI SULMA, apud KHAWAN, in PEREIRA, 2007, p.81.

²³ Princípio transmitido entre os árabes principalmente por tradição oral.



social a pagar o preço de sangue ou, como diríamos hoje, a indenização judicial. (Vernet, 2004, p. 42).

Hodiernamente no que se refere ao cometimento de um delito, há a reparação proporcional ao dano causado por meio do Estado (indenização judicial). Na época em questão a reparação, a indenização era feita com o próprio sangue do ofensor. Era o exercício da chamada *autotutela* que,

“[...] hoje, encarando-a do ponto de vista da cultura do século XX, é fácil ver como era precária e aleatória, pois não garantia a justiça, mas a vitória do mais forte, mais astuto ou mais ousado sobre o mais fraco ou mais tímido.” (CINTRA, GRINOVER, DINAMARCO, 2012, p. 29).

É nesta direção que se posiciona também o conceito de justiça horizontal, na qual todos os indivíduos se encontram em um patamar de igualdade, resolvendo seus conflitos exclusivamente por meio do uso da força— caso dos pré-islâmicos. Na atualidade, predominante é a justiça vertical²⁴, onde o Estado se encontra em posição superior, e dotado de heteronomia²⁵ determina aos litigantes qual a medida a ser tomada com vistas à resolução do conflito.

4.3. *Direito de asilo ou refúgio*

Entre os árabes em geral, é possível observar o caráter acolhedor com que tratam seus hóspedes, sejam estrangeiros ou não. Essa receptividade característica de tal etnia advém de tempos antigos, desde o período *Jahili*, posto que para esse povo, de natureza nômade, a hospitalidade era uma questão de sobrevivência e hoje é uma questão de honra. O próprio Corão prega a hospitalidade para com os viajantes, pois eles trazem coisas novas.²⁶

Neste sentido, vejamos o sentimento de hospitalidade expresso em um dos poemas suspensos:

Protegemos nossos hóspedes, quando espadas se separam das bainhas.

²⁴ Tércio Sampaio Ferraz Junior.

²⁵ Capacidade de se fazer impor, ditar o cumprimento de uma norma mesmo contra a vontade de seu destinatário.

²⁶ <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/cicloturismo/tunisia-cicloturismo.shtml>> Acesso em: 20 mar. 2013 às 14hr25min



Abandonamos quem nos aborrece, acolhemos quem nos
Alegra.

Protetores, quando obedecidos; impiedosos, se nos
Desobedecem.

Ainda outro trecho:

São gente que não revela segredos, nem abandona um
Criminoso, independentemente do que arraste.

A ideia de proteção a um estrangeiro à tribo era muito exercitada, principalmente se este se abrigava na tenda do xeque. A partir deste momento o estrangeiro estava sob a proteção daquele clã onde se encontrava, gozando da proteção do mesmo.

Pelo excerto acima se pode inferir que não existiam exigências para se abrigar um necessitado, ainda que o motivo da fuga de sua tribo de origem tenha sido o cometimento de um crime.

Estabelecendo um paralelo com as condutas praticadas hodiernamente no âmbito do direito internacional público, é possível encontrar nessa hospitalidade árabe um surgimento embrionário do direito de asilo ou refúgio, até mesmo porque “*o direito de asilo é uma herança benemérita das mais remotas civilizações*” (CARVALHO, 2000, p. 3).

No entanto cumpre esclarecer que o instituto presente entre os árabes pré-islâmicos não se confunde com o direito de asilo tal como conhecido na atualidade, pois “o asilo, com sua feição ético-moral-jurídica, é oferecido pelo direito internacional **exclusivamente aos perseguidos políticos** e não aos delinquentes comuns, como na antiguidade era admitido” (CARVALHO, 2000, p.11, grifo do autor).

Destarte o caráter principiológico do direito de asilo ou de refúgio que se exerce atualmente entre os árabes, possivelmente encontra suas raízes na tradição pré-islâmica de acolher os desabrigados.



4.4. *Contratos e acordos*

Eis um dos mais belos e complexos (sob o enforque jurídico) poemas suspensos:

237

Abandonai, pois, o orgulho e a dissimulação: vossa ignorância
Dos fatos é puro fingimento!

Lembraí o juramento em Dhu al-Majaz²⁷ e o que foi oferecido
Como penhor e fiança.

Um pacto isento de injustiça e ilegalidade – como podem
Paixões violar o que está nos pergaminhos?

Sabei que nós e vós, naquilo que concedemos sob condição,
No dia da disputa, temos os mesmos direitos.

Recai sobre nós o delito de Kinda, para que eles pilhem e nós
indenizemos?

Recai sobre nós o crime de Hanifa ou o sangue dos que a
Terra recolheu depois das batalhas?

Ou o crime dos filhos de Atiq, se – quem quer que tenha
Atraído – somos inocentes dessa guerra?

Recai sobre nós o crime de Ibad, como fardos suspensos das
Costas dos camelos?

²⁷ Provavelmente Nomes de tribos



Revista Litteris – ISSN: 19837429 n. 12 - setembro de 2013

Recai sobre nós o crime de Qudaa, ou não respingou em nós
Aquilo que eles colheram?

Recai sobre nós o crime de Iyad, quando disseram a Tasm que
Seu irmão roubara?

Imputação inútil e injusta, como degolar a gazela na pedra da
Ovelha.

O poema acima transcrito faz alusão a vários termos conhecidos atualmente no universo jurídico, tais como penhor, fiança, ilegalidade, etc. Malgrado devido à falta de fontes suficientes não seja possível asseverar qual o significado exato que essas expressões encerravam para os árabes pré-islâmicos –se semelhante ou diferente das instituições jurídicas modernas, é possível fazer algumas considerações a partir do acima exposto.

Pela observação das quatro estrofes iniciais infere-se que houve um ajuste entre pelo menos duas partes que se achavam em alguma espécie de conflito. O poeta usa o termo “pacto”, que pressupõe um *acordo* de vontades –requisito essencial para a compreensão do atual termo jurídico designativo de “contrato”.

De fato, pela composição do poema entende-se que o objeto do acordo foi discutido e aceito pelas duas partes envolvidas – *“Sabei que nós e vós, naquilo que concedemos sob condição,/no dia da disputa, temos os mesmos direitos.”*

A segunda estrofe demonstra um acordo firmado sob garantias que hoje seriam reconhecidas como de natureza real –penhor, e pessoal –fiança. Embora os termos técnicos não existissem na época, não se pode ignorar o avanço e a grandeza do pacto firmado.

Outro ponto a ser notado encontra-se na terceira estrofe: é a possibilidade do acordo em questão ter sido escrito, embora não existam provas concretas de sua existência.

Nas últimas estrofes o poeta parece reclamar por delitos cometidos por particulares (inclusive cita os nomes dos infratores), que estariam sendo cobrados de toda a tribo, ou de certo número de indivíduos, posto que o pronome utilizado é “nós”.



Neste sentido, o poeta faz na última estrofe do trecho em análise, menção a um ritual a seu ver injusto, por sacrificar um animal inocente, a gazela. Parece-nos que sua intenção é equiparar a injustiça intentada contra a gazela com a que está sendo cometida para com o grupo de indivíduos em tese inocentes, que estão sendo cobrados por um delito que não cometeram.

Com o surgimento de acordos entre partes divergentes, como demonstra este trecho, poderia também surgir um princípio de individualização de obrigações e responsabilidade diante do cometimento de um delito.

4.5. *Leis*

Vejamos o trecho abaixo:

Nascemos de uma linhagem a cujos pais leis foram
Outorgadas: cada tribo com sua suna e seu imã.

São os mensageiros, se a linhagem está em apuros; são os
Cavaleiros; são os juízes.

São a linhagem, que não é detida pela inveja, nem permite
Que criminosos se bandeiem para o inimigo.

Neste momento aparece certa novidade: a menção a leis pré-existentes. O poeta afirma que cada tribo de seus antepassados possuía suas próprias leis, bem como seu próprio chefe tribal.

Embora não seja possível em tese chegar a essas leis ou confirmar sua veracidade não se pode negar que sem um mínimo de organização social os árabes não teriam se desenvolvido tanto e permanecido até hoje em seus próprios costumes, tradições e religião.

Neste sentido, infere-se a plausibilidade de líderes (ou mesmo juízes, como exposto no poema), pré-instituídos, com vistas a promover a pacificação social e resolver os conflitos existentes.



Conclusão

A grandeza da civilização árabe é sem dúvida notória. Antes mesmo do surgimento do Islã –principal legado dos povos árabes ainda na atualidade– os árabes já se encontravam civilizados cultural e intelectualmente, com idioma desenvolvido e normas de resolução de conflitos bem definidas e avançadas para a época, consoante exposto na presente monografia.

Destarte, a época da Jahiliyya forneceu contribuições significativas para o império islâmico que estava prestes a surgir. Além da época em questão ter fornecido as bases culturais que propiciaram o nascimento da religião islâmica, alguns dos princípios tribais observados na era pré-islâmica também foram absorvidos pelo próprio alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos que encerra além de dogmas religiosos, normas de conduta moral e social.

Neste sentido, o princípio da responsabilidade coletiva e solidariedade, bem como a prática de exaltação aos líderes tribais, por exemplo, foram utilizados pelos seguidores do profeta com o objetivo de expandir o Islã.

Assim, embora hodiernamente a seja pré-islâmica seja tratada como um período de “ignorância”, é possível perceber em linhas gerais que tal tese não se confirma, dada a evolução dos povos árabes que se dá há muito tempo, inclusive antes mesmo do surgimento do Islã como religião e conduta de vida.

Enfim, o estudo da época pré-islâmica se faz importante para entender o ambiente em que o Islã nasceu e se desenvolveu, e as bases em que se apoiou para crescer e manter ainda hoje sua força e influência nas regiões que aderiram aos seus dogmas. Mas, além disso, a era pré-islâmica, independentemente das contribuições que forneceu à religião Islâmica, também possuiu por si só riqueza cultural, linguística e social dignas de estudo.

**Bibliografia**

CAHEN, Claude. El islam – 1.Desde los orígenes hasta el comienzo del imperio otomano. Madrid: Ediciones Castilla, 1970. História Universal Siglo XXI. v. 14.

CARVALHO, Júlio Marino de. Asilo político e direitos humanos. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

CINTRA, Antonio Carlos de Araújo; GRINOVER, Ada Pellegrini; DINAMARCO, Cândido Rangel. Teoria geral do processo. 28. ed. São Paulo: Malheiros, 2012.

CIVITA, Victor. (Ed.). *Novo Conhecer*. São Paulo: Abril Cultural, 1977. V, VII.

_____. *Grandes Personagens–História Universal*. São Paulo: Abril Cultural, 1970. V.1.

COTRIM, Gilberto. História global: Brasil e geral. São Paulo: Saraiva, 2005.

FERRAZ JUNIOR, Tercio Sampaio. Introdução ao estudo do direito: técnica, decisão, dominação. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2011.

GRECO FILHO, Vicente. Manual de processo penal. São Paulo: Saraiva, 2012.

HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes. São Paulo: Companhia de Bolso, 1996.

KURAIEM, Mussa. Leis do deserto. São Paulo: Revista O Oriente, 1960.

LE BON, Gustave. A civilização árabe. Cidade: Editora, ano. v. I.

MANTRAN, Robert. Expansão muçulmana (séculos VII a XI). São Paulo: Pioneira, 1977.

MUSSA, Alberto. Os poemas suspensos. Rio de Janeiro: Record, 2006.

PEREIRA, Helena de Souza (Org). O islã clássico: itinerários de uma cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SAID, Edward. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOBRENOME, Nome. Introduction to the geography and historical background of the middle east. Disponível em: <http://ocw.nd.edu/arabic-and-middle-east-studies/islamic-societies-of-the-middle-east-and-north-africa-religion-history-and-culture/lectures/Lecture%201.html/skinless_view>. Acesso em: 15 maio 2012.



Revista Litteris – ISSN: 19837429 n. 12 - setembro de 2013

THE MONTREAL REVIEW. The middle east in the 6th century. Disponível em: <<http://www.themontrealreview.com/2009/The-Middle-East-in-the-6th-Century.php>>. Acesso em: 5 ago. 2012.

242

VERNET, Juan. As origens do islã. Tradução de Maria Cristina Cupertino. São Paulo: Globo, 2004.